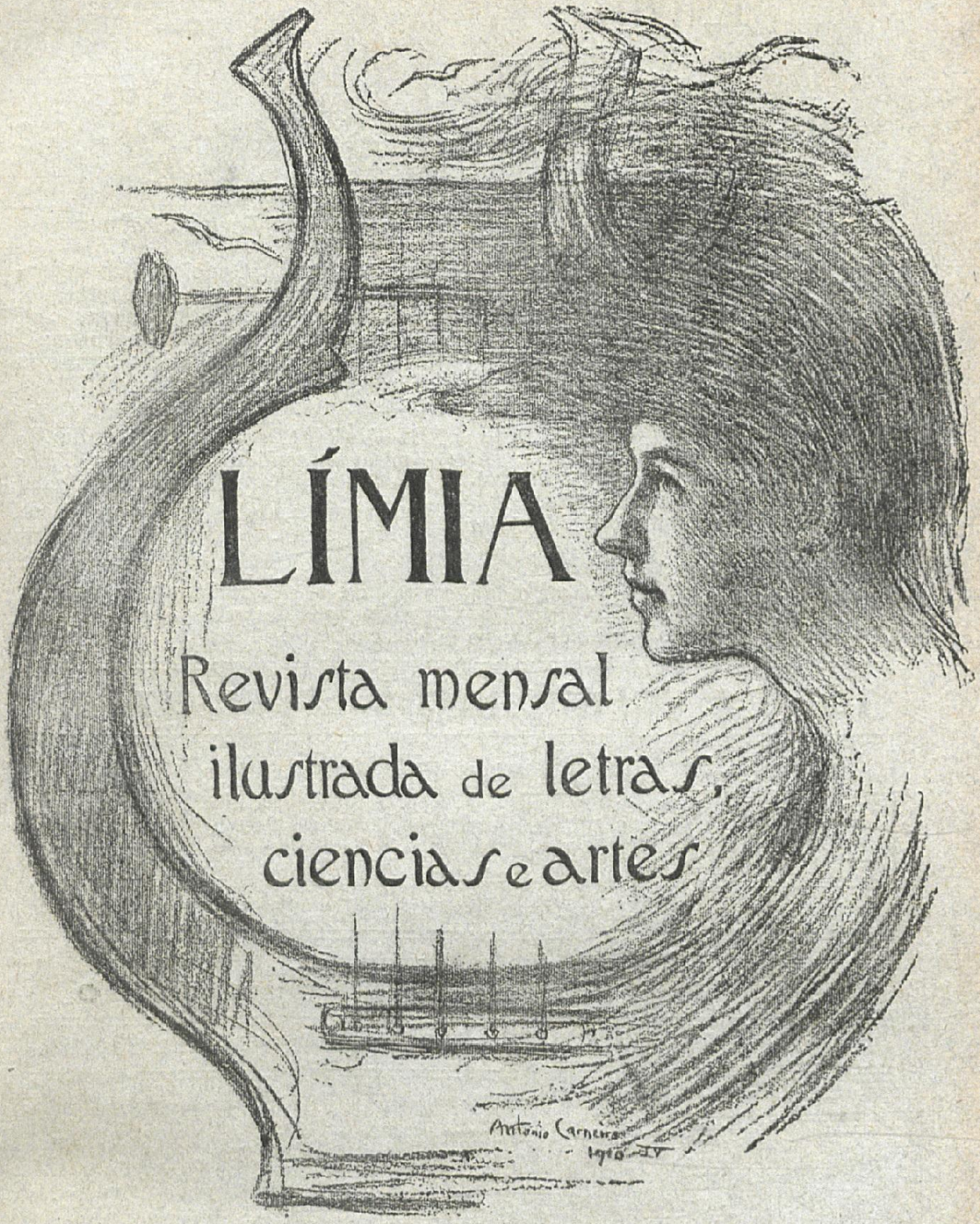


N.º 2.—Série 1.ª—Novembro de 1910.—Director, João da Rocha.—Redacção e Administração, rua de S. Sebastião, 107.—Composta e impressa na tipografia de André J. Pereira & F.º, Rua de D. Luís.—Propriedade da emprêsa da *Límia*.—Viana-do-Castelo.

LÍMIA

Revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes

VIANA-DO-CASTELO—*(Portugal)*

Sumário do n.º 2

Capa—desenho de António Carneiro
I—*Cristóvão de Utrecht,* por Sousa Viterbo.
II—*A tempestade,* desenho do dr. Manuel Monterroso.
III—*Aos meus olhos* (versos), pelo dr. Teixeira de Pascoaes.
IV—*A mòrte do lobo,* por D. João de Castro.
V—*Quadra ilustrada* (versos do «Canto da Cigarra», de Augusto Jil), desenhos de Correia Dias.
VI—*Canto da rôla no outono* (versos), pelo dr. Affonso Lopes Vieira.
VII—*Notas de onomatologia. 1—Villa Pouca d'Aguiar, 2—Tellões,* pelo dr. J. Leite de Vasconcellos.
VIII—*Ode pagã,* por Justino de Montalvão.
IX—*Aviação,* desenho inédito de Álvaro Cerveira Pinto.
X—*A Republica Portugueza,* por João da Rocha.
XI—PANORAMA: Os dois ultimos inventos de Edison; O «606» na doença-do-sono; «Academie des Goncourt»; A esposição internacional de Turim; O maior navio do mundo; As cataractas do Niagára; Aeronautica.
XII—BIBLIOGRAFIA.
XIII—VÁRIA: Dr. Miguel Bombarda; Almirante Candido dos Reis, por C. Maia Pinto; Álvaro Cerveira Pinto (com gravuras), pelo dr. Luís Felipe; Ómens portugueses.

*

Vinhetas de Cristiano de Carvalho.
Gravuras das oficinas de Cristiano de Carvalho.

TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Os escritos e os desenhos publicados são de absoluta responsabilidade dos seus autores, a quem é dada a máxima liberdade de pensamento,—ficando, por isso, a revista franqueada a discussão.

Será respeitada a ortografia dos colaboradores que no-lo recomendem

Não é permitida a reprodução das gravuras e dos artigos insertos na «Límia», sem prévia autorização

Pede-se o envio das publicações que façam qualquer referência a esta revista

PREÇOS DA 1.ª SÉRIE

Assinatura — (seis meses)

Portugal e colónias—320 réis.
Brasil (assinatura directa)—2:500 réis (m. bras.)
Outros países da América do Sul—5 ps.
Espanha—3 ps.
França—4 fr.
Nos restantes países—5 fr.

Número avulso, em Portugal—80 réis

Pagamento adeantado. Despesas de cobrança por conta do assinante

Dirijir a correspondência para
«**Límia**» — Viana-do-Castelo—*(Portugal)*

Série 1.ª—Tòmo I • VIANA-DO-CASTELO (Portugal) • N.º 2—Novembro, 1910

Director: JOÃO DA ROCHA • Redactores: JOÃO PÁRIS—CLÁUDIO BASTO • Secretário: ALBERTO MEIRA

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. 176256
COMPRA

CRISTÓVÃO DE UTRECHT

AINDA á bem poucos anos que a vida de Cristóvão de Utrecht era tam embrulhada e tam obscura que quem desse absoluto crédito às asserções dos seus biógrafos não tardaria a resvalar nos despenhadeiros do anacronismo e do êrro. Um documento tirado do arquivo do Santo-Ofício, e que eu fui o primeiro a dar à publicidade, veio dissipar algumas trevas e ficsar alguns dados positivos.

Assim ficámos sabendo que êle residia em Lisboa em 1537, morando, juntamente com sua mulher Ana Rodrigues, na Mouraria, freguesia de Santa Justa. Sua mulher era certamente portuguesa e ao que parece de baixa estirpe, a ajuizar pelo seu depoimento, quando foi denunciar perante o Tribunal da Inquisição, a 18 de fevereiro daquele ano, uma vendedeira da praça da Ribeira, à qual fôra comprar uma saca de carvão. (1)

Em outro documento da mesma orijem se faz tambem referência a Cristóvão de Utrecht, não dando infelizmente nenhum pormenor novo ou de valor para a sua biografia. Em 8 de janeiro de 1541, Pêro Rodrigues, carpinteiro de marcenaria, morador em Lisboa, no adro de S. Cristóvão, foi intimado pelo Santo-Ofício a denunciar as pessoas de quem soubesse averem praticado ou dito alguma cousa contrária à *nossa santa fé*. A sua primeira delação recaiu sôbre Domingos Ferreira, clérigo de missa, filho de Martim Fernandes, pintor, residente em Sintra. Neste caso envolvem-se diversas pessoas, cujas práticas versam sôbre assuntos de alguma importância, demonstrando que os interlocutores eram indivíduos de certa instrução, possuindo um dêles uma Bíblia e outros livros ebraicos.

Outra parte da sua denúncia recaiu sôbre um Domingos Carvalho, pintor, que morava à Sé. Carvalho convidou o denunciante a comer, convite que não aceitou, dizendo que jejuava. A isto acudiu Cristóvão de Utrecht, pintor, dizendo que Deus *nunca tolhera que comessem, nem mandava que jejuassem.*

Êste episódio, conforme o depoente, passara-se avia quatro anos, vindo portanto a recair em 1537, ano em que o pintor olandês já nos era conhecido. O que se ficou sabendo agora foi um pouco da sua ortodocsia ou antes eterodocsia, acêrca dos jejuns, o que não é para estranhar, sendo êle olandês.

A labareda da Reforma não alastrou com intensidade entre nós; não chegámos a produzir nenhum rival ou discípulo-amado de Lutero ou de Calvino, mas, em compensação, lavrava em todas as classes, até nas mais umildes, o espírito

(1)—Veja-se *Noticia de alguns pintores...* 1.ª parte, páj. 150.

das discórdias relijiosas, soprando com freqüência os ventos da eresia. Duas causas essenciais concorriam para êste resultado: a irredutibilidade dos cristãos novos, que não sabiam abafar no íntimo do peito as crenças da sua raça, e o contacto com os estranjeiros. A barreira do fanatismo, por mais elevada que fôsse, não podia obstar à corrente das ideias novas. Apesar dos vexames e perseguições inquisitoriais, as blasfêmias mais encandecentes esplodiam na bôca da plebe.

Diz-se que D. João III era um fanático, e todavia numerosos factos da sua vida e do seu reinado estão em flagrante contradição com o carácter que jeralmente lhe atribuem. A sua côrte assistia prazenteira à representação dos autos de Jil Vicente, em que se chacoteava a clerezia e a Roma venal dos Pontífices, a grande feira das mercadorias espirituais. Reformando a Universidade, chamou de diversos países alguns notáveis professores, que não vinham de certo imbuídos das mais sãs doutrinas. Por intermédio de André de Resende chegou a convidar Erasmo, que tam adversário se mostrou das Ordens monásticas. Se o luteranismo não se enraizou em Portugal, o erasmismo teve aqui valiosos prosélitos. Como esplicar esta dualidade de sentimentos e de ideias a não ser pela incerteza e confusão de todas as consciências, que mal sabiam prevêr o dia de amanhã?!

Os livros das Denunciações e os Processos inquisitoriais são outras tantas fitas animatográficas, onde se vem reflectir a vida da sociedade portuguesa no século XVI, tam devota e tam convulsa, tam intrigante e tam temente a Deus, tam cheia de fé e de descrença.

Voltemos a falar de Cristóvão de Utrecht, que só nos torna a aparecer de modo indiscutível uns trinta anos depois das datas acima referidas.

Tinham as côrtes portuguesas oferecido a el-rei D. Sebastião um serviço de quarenta mil cruzados, para o qual Lisboa contribuiu com a sua cota parte. Para êste efeito lançou-se uma finta sôbre os seus moradores não privilejiados, pagando cada um, segundo os seus averes. Esta contribuição não podia ser lançada ao acaso, sem base segura, e por isso se procedeu a um arrolamento em que se designaram os indivíduos, moradas e teres, para depois se deduzir de aí o que proporcionalmente lhes coubesse. Esiste ainda no Arquivo da Cámara Municipal de Lisboa o respectivo documento, cujo título é o seguinte:

«Livro do Lançamento e serviço que a cidade fez a Elrei nosso senhor».

A fl. 409 lê-se esta verba:

«Titulo da fregesia de Sm. Xpuaõ»

Rua do Chan do Loureyro com suas traueças»

«It Xpuaõ Dutreque ê casas do mosteiro de nossa Senhora da Graça avaliado em quorenta mil reaes paguará..... 280 reaes»

O rol dêste lançamento foi entregue pelos sacadores (os que foram de porta em porta cobrar as fintas) em 7 de agosto de 1566; o trabalho começara um ano antes aprossimadamente.

Estas informações foram publicadas pelo sr. Gomes de Brito no n.º 4:042 das *Novidades* de 9 de junho de 1897. Prosseguindo em novas pesquisas, o mesmo sr. verificou que o prédiozinho de acanhadas dimensões, em que residia Cristóvão de Utrecht, ainda esistia em 1756, achando-se descrito no Tombo da cidade, mandado fazer pelo marquês de Pombal, após o terremoto.

Está pois comprovada a esistência em Lisboa de Cristóvão de Utrecht nos anos de 1534 a 1566. Aqui residiria abitualmente, saindo para qualquer ponto do país todas as vezes que a isso o obrigasse qualquer incumbência ou necessidade de serviço.

A TEMPESTADE

—Sinto-a aprossimar cada vez mais!...

(Desenho do DR. MANUEL MONTERROSO)

Da sua actividade artística é que se não conhecem provas irrefutáveis, nem trabalho nenhum que lhe possa ser incondicionalmente atribuído.

O Conde de Raczynski imajinou ver o seu monograma nuns quadros de Évora mas não sei se esta descoberta foi sancionada por outros peritos.

Pretendem que seja do pincel de Cristóvão de Utrecht um quadrozinho esistente no Museu das Janelas Verdes, e que suponho ter vindo da Galeria Farrobo, no qual se acha a efijie de D. Vasco da Gama. Ora êste partiu para a Índia, pela última vez a 9 de abril de 1524, onde faleceu a 25 de dezembro do mesmo ano; se Cristóvão fôsse o autor do quadro seria necessário recuar dez anos, pelo menos, a sua estada em Lisboa. A iconografia de Vasco da Gama funda-se oje sôbre aquele retrato; eu não teria a audácia de a lançar por terra, ou de a pôr sequer em dúvida. Que importa que seja mais convencional que verdadeira? Aceitemo-la pois, sem escrúpulo, embora um dia apareça outro retrato mais autêntico, o que julgo se não impossível, pelo menos de grande dificuldade.

O retrato que esiste no palácio do govêrno em Goa poderia servir de confronto e de contraprova,—mas que confiança merece um retrato feito de reminiscência e por um curioso como Gaspar Correia?

Paulo Jóvio mandou esecutar em Roma uma galeria, em que estavam representadas as personajens mais célebres de todas as épocas e de todos os países. Os portugueses, esceptuando Tristão da Cunha, faziam-se notar pela sua ausência. Custa a crer que assim sucedesse, quando os nossos descobrimentos e conquistas faziam o assombro do mundo, e quando os próprios Pontífices não se fartavam de elojiar, pelas suas proezas e vitórias, os nossos monarcas.

Benfica

SOUSA VITERBO

Aos meus olhos

Sem descanço, meus olhos, viajai;
Ide atravez da noite mais cerrada;
N'um astro, n'uma flor investigai,
Ide apprender a ler n'uma alvorada!

Tornai fertil a terra desolada,
A solidão mais triste povoai;
N'uma canção de amor illuminada
A noite d'esta vida transformai!

Andai essa distancia pequenina
Que existe entre uma estrella diamantina
E uma gotta de orvalho que reluz;

Percorrei toda a estrada de verdade
Que d'uma flôr vai dar a uma saudade,
E alcançareis então a eterna Luz!

Amarante, 1902

TEIXEIRA DE PASCOAES

A morte do lobo

(Excerpto d'uma novella inedita)

.....

FOI em um sabbado de Dezembro, já proximo o Natal, que o carro do Tôrto, regressando da feira de Villa Verde com alguns contractadores de gado, deixou Maria Ignez em uma das mais ermas curvas da estrada de Godinhaços. Trazia uma grande mala ingleza, de pregaria brilhante, uma chapeleira de cartão e ainda um sacco de viagem, pequeno e lustroso, de couro da Russia.

Abandonada nesse sitio, que lhe tinham indicado como o mais proximo da casa de seus paes, a pobre rapariga, alindada pela commoção e pelo lucto, dispersou em torno de si um lento e quasi inconsciente olhar de naufrago. Para o sul, dominando a estrada, a montanha elevava-se, erriçada de matos e pedregulhos, e profundamente lacerada pelos enxurros inverniços. Do lado contrario, para baixo, o mesmo aspecto asselvajava uma parte da ladeira, mas em seguida algumas árvores appareciam desordenadamente: carvalhos ainda mal despidos da sua folha amarella e pequenina, sovereiros e pinheiros com o verde triste e sempre vivo da sua ramaria espessa; depois, rasteiros vallados de pedra solta, retalhando os matagaes, começavam a reprezar essa onda de vegetação bravia. Mais abaixo, a proximidade do valle amenizava a terra de culturas; os longos prados côr de esmeralda repetiam-se então, golpeados de aguas, demarcados por altas árvores avidadas—e por entre elles, bordada pela fina renda dos salgueiros nús da margem, a corrente do Neiva, branca de espuma, engrossada por chuvas e nevadas, tinha a impetuosidade d'um animal que foge.

Essa terra, onde nascêra, parecia a Maria Ignez um paiz de degredo. Os seus olhos, já deshabituados da solidão, sondavam o valle immenso e as montanhas distantes, como um soldado ferido espreita um campo de batalha coalhado de cadaveres. Um medo irraciocinado infantilizava-a. E a lembrança de que nunca mais—nunca mais!...—reconquistaria a antiga felicidade, encheu-lhe subitamente os olhos de lágrimas.—Que iria fazer nessa aldeia selvagem, onde a sua estiolação de planta mimosa não commoveria ninguem?... Creada longe da familia, nem mesmo com a estima dos seus podia já contar. Sentia-se mais infeliz que uma orfã. O seu infortunio desesperava-a como o castigo d'um crime que não commettera.

O sol tinha desapparecido por detraz d'uma confusa massa de arvoredo longinquo, que os seus ultimos reflexos perfilavam d'oiro. O valle enchia-se d'uma sombra tenue, que o fumo dos casaes ia pouco a pouco adensando; apenas em frente os cerros de Sabroso e da Boalhosa prendiam na sua crosta de tojo e urze algumas manchas pállidas de luz.

Maria Ignez, só, na estrada deserta, assistia á invasão da noite—e a sua perplexidade penetrava-se já de angustia. Via em baixo, na falda do monte, o telhado escuro do casebre de seus paes, mal distincto sôb a nuvem de fumo que o coroava; cria divisar o córrego estreito e tortuoso que lá a conduziria; mas como transportar comsigo essa grande mala onde guardava tudo que possuía?... Alarmada, vendo o céu escurecer-se cada vez mais, sopesou-a por uma das argolas, pensando talvez em arrastá-la sobre o áspero tojo da encosta... Mas os seus braços logo descaíram, impotentes e doridos.—Que fazer?...

A sombra da noite ia toldando o céu; apenas no poente, através d'uma vasta laceração de nuvens negras, sangrava um derradeiro reflexo de sol desapparecido. E ninguem passava! Não via ninguem!... Ali presa, paralysada pelo terrôr, occorriam-lhe historias sinistras que outrora ouvira contar nos serões de Insalde... Era naquelle sitio que os salteadores da vizinhança esperavam, na época das grandes feiras, alapados na sombra da ribanceira, os lavradores aprovisionados com o producto dos bois vendidos... Maria Ignez tremia. A montanha parecia-lhe cheia de espectros. Angustiada, lembrou-se de clamar por soccorro. Abeirou-se da ladeira e, inclinada para o valle profundo, onde já nem distinguia o telhado fumacento da casa paterna, gritou:

—Minha mãe! Minha mãe!...

Mas logo se calou, desesperada. A sua voz perdia-se, apagava-se, como se as brenhas da serra a absorvessem.

—Oh, meu Deus ! Meu Deus !—soluçou, angustiada.

Tinha os olhos velados de lagrimas—e já quasi se não atrevia a volvê-los em torno de si. A escuridão augmentava sempre. O frio, um d'estes frios seccos de Dezembro, que o vento do norte lamina e brande cruelmente, como que arripiava tudo. No céu nuagento, avivavam-se algumas estrellas.

E foi então, ao cabo de alguns minutos de exhaustiva perplexidade, que Maria Ignez se lembrou subitamente do tio Areias, um velho maniaco que havia quarenta annos vivia nos montes com o seu rebanho de ovelhas, vestido de farrapos, alimentando-se de borôa dura e leite, e fazendo, sem nunca acabar, um berço de vimes para um filho que lhe morrêra creancinha. No verão, dormia ao ar livre, entre os seus animaes, sob a vigilancia d'uma cadella coelheira, a *Gloria,* com a qual elle repartia fraternalmente os seus mantimentos; no inverno, porém, apenas o sol declinava, descia o monte e vinha pernoitar com as suas ovelhas e a sua cadella em um casebre mal telhado, que um lavrador de Pedregaes lhe cedia em troca de estrume do curral. Esse casebre ficava quasi na linha da estrada, perto do sitio em que Maria Ignez se achava. Ella lembrava-se. Ao cabo de alguns segundos, orientando-se, distinguiu a sombra confusa dos dois velhos sovereiros que flanqueavam a choupana.

—Vou lá ! Vou chamá-lo !—murmurou, procurando com essas palavras despertar em si a energia que lhe faltava.

Enervadamente, occultou a chapeleira em uma moita de codeços, arrastou, com um esforço desesperado, a grande mala para a borda da estrada—e, arripiada de susto, correu para o lugar onde via negrejar os dois sovereiros, pisando a terra de leve, receosa do rumôr que os seus passos faziam. Em breve descobriu o casebre do tio Areias, escuro, acocorado sob a ramaria espessa dos sovereiros, alcandorado quasi na aresta da ribanceira; mas, desnorteada pelo susto, procurou debalde a estreita garganta do caminho que lhe dava accesso.

—Oh, meu Deus ! Meu Deus ! — repetiu ella, vagueando aturdidamente em frente d'essa muralha de terra saibrosa. E, já buscando uma esperança nova, chamou:—Tio Areias ! Tio Areias !

Esperou um segundo, offegante, os olhos no alto, depois tornou :

—Tio Areias ! Tio Areias !

Em cima houve um breve rumôr, como se alguem se aproximasse cautelosamente. Ella então, crendo que o velho pastor, desconfiado, sondava a escuridão, exclamou :

—Sou eu, tio Areias ! A Maria Ignez !

Ninguem lhe respondeu. Comtudo, o ruido que pouco antes sentira, accentuou-se, definiu-se : alguem afastava maciamente os giestaes e codeços que se emmoutavam em cima, na borda da ribanceira. Ella, mais encorajada, fallou de novo :

—Tio Areias ! Sou eu, a Maria Ignez, a filha do Varandas ! Queria ir para casa... Perdi-me... Acuda-me, tio Areias !

Calou-se, anciosa. Escutou. O silencio da noite pareceu-lhe semelhante a um lençol de chumbo que amortalhasse o globo.

—Enganei-me...—balbuciou, comsigo.—E' alguma ovelha que ficou fóra.

E mais convencida agora do que o tio Areias estava com effeito no casebre, de novo procurou caminho para lá chegar. A terra amarellenta, permeada de grossos veios de granito, erguia-se porém deante d'ella, inteiriça, bravia, com os seus três metros de altura, como muralha inexpugnavel. E comtudo, Maria Ignez lembrava-se d'uma passagem estreita, escadeada na terra dura, onde ella e os irmãos costumavam rebolar-se alacremente, quando outrora, ainda creancinhas, o pae os mandava, com grandes saccos de tomentos, apanhar as landes que caíam dos carvalhos da serra.

Devia ser perto d'ali...—Procurava, affligia-se—e os segundos que se escoaram nessa busca desnorteada foram longos como horas para a sua impaciencia. Afinal, junto ao espigão d'uma penha, achou a bocca d'um caminho estreito como o sulco d'uma charrua—e, escorregando na terra resvaladiça, picando as mãos mimosas nas silvas e no tojo rasteiro, insensivel á dor e á fadiga, conseguiu attingir a lomba da montanha. Viu então, muito perto, circuitada de giestaes, sob os dois grandes sovereiros, o casebre do tio Areias. E já corria para a portinha esconsa, que se acocorava, remendada de casqueiras, sob uma padieira rachada, prestes a ruír, quando sentiu um rumôr semelhante ao que, pouco antes, na estrada, alvoroçára a sua esperança. E logo, do interior do curral saiu um balido

de ovelha, que se perdeu como um soluço no silencio da noite.

—Tio Areias !—chamou de novo Maria Ignez.

Estava junto da porta. Ia bater. Mas de repente viu na sombra dois olhos que a fitavam, phosphorecentes, immóveis, sinistros. Ao mesmo tempo, uma respiração entrecortada e forte de animal que fareja chegou-lhe aos ouvidos.

—Gloria ! Gloria !—exclamou docemente Maria Ignez, suppondo que era a cadella do velho pastor. E logo a seguir, como o animal se não movesse, bateu na porta do pardieiro duas pancadas breves, repetindo:—Tio Areias !

Subitamente, Maria Ignez viu abaixarem-se e depois elevarem-se as duas brasas vivas dos olhos que a fitavam—e logo o embate d'uma aggressão imprevista a fez cambalear. Soltou um grito; comprehendeu. Era um lobo ! E, desvairada, crendo sentir já em uma perna os dentes da fera, empurrou a porta com desespero. Dentro, um cão ladrou, uivadamente, e os balidos das ovelhas succediam-se, mais soluçados, mais afflictivos...

O lobo aquietara-se um instante, escutando esses ruidos, attento, as orelhas afiladas... E de repente, guiado pela voz lamentosa das ovelhas, afastou-se e foi farejar o interior do curral, introduzindo o focinho agudo em um pequeno buraco que havia na parede.

Maria Ignez, instinctivamente, deu um novo empurrão á porta; mas o lobo aproximou-se outra vez, e ella, sem saber o que fazia, fugiu, embrenhou-se nas giestas que rodeavam o casebre. Na aresta da ribanceira, prestes a despenhar-se, gritou:

—Soccôrro ! Soccôrro !

Com o olhar semi-louco, sondava febrilmente a sombra, resolvida a precipitar-se na estrada se o lobo a perseguisse. De subito, uma exclamação semelhante ao regougo d'uma praga, reanimou a sua esperança. Gritou outra vez:

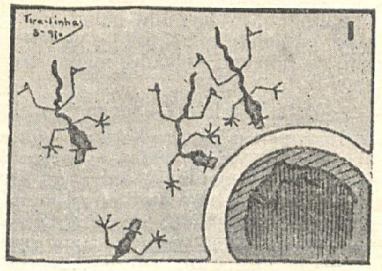
—Soccôrro ! Soccôrro !

Maria Ignez ouviu a porta do curral, após um breve rangido, bater violentamente na parede, com um tilintar de ferragens. Seria o pastor?... Seria o lobo?... Anciosa, escutou. Por fim, uma grossa voz de homem bramiu:

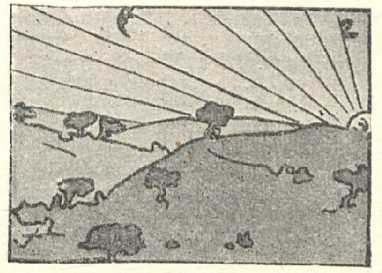
—Ah, és tu meu...—e uma obscenidade trivial concluiu a phrase.—Vamos lá vêr se me escapas hoje tambem !

Maria Ignez, immovel, escutava. A

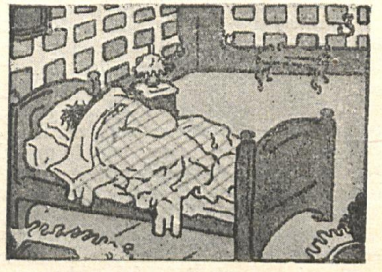
Quadra ilustrada



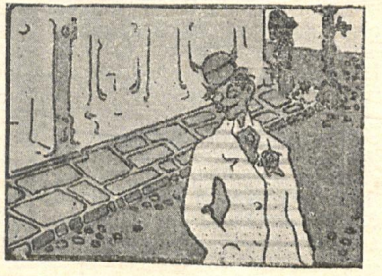
Quando tu foste jerada



Pós-se o sol, nasceu a lua.



Estava tua mãe deitada,



Andava teu pai na rua.

(Versos do "Canto da Cig.,, de Augusto Jil)

(Desenhos de CORREIA DIAS)

voz não era a do tio Areias. Quem seria aquelle homem?...

Um clarão relampejou de subito na obscuridade, e logo o estampido d'um tiro retumbou, prolongado pelo echo como a descarga d'um pelotão. Maria Ignez, então, perdendo quasi todo o receio, avançou para a porta da choupana e viu um vulto de homem, delgado, meão, sumir-se outra vez dentro do curral, precipitadamente.

—Mataria o lobo?—perguntou ella a si mesma.

Não, não o matára! Alongando a vista habituada á escuridão, viu-o immovel, um pouco mais distante, perto d'uma mouta de codeços, espreitando o curral desconfiadamente. E, outra vez aterrada, perguntava a si mesma se devia fugir ou refugiar-se no pardieiro, quando viu o homem apparecer de novo, a cabeça núa e desgrenhada, uma grande navalha entre os dentes, acabando de enrolar em torno do braço esquerdo uma grossa e já rôta manta de farrapos.

—Onde estás tu, ladrão?...—rugiu elle, já com a navalha na dextra, inquirindo a treva.

Maria Ignez, apavorada pela visão da lucta que ia presencear, fez um movimento para detê-lo. Elle, cuidando que o lobo se aproximava, deu um salto e pôz-se em guarda.

—Quem está ahi?—interrogou, enxergando o vulto da rapariga.

—Sou eu...—respondeu Maria Ignez, aturdida, a tremer.—O lobo está acolá...—E indicou-lhe o animal que, já meio emboscado nos codeços, continuava a espreitar o curral com a tenacidade d'uma fera faminta.—E' melhor assustá-lo, fazê-lo fugir!...

O homem quedára-se, assombrado. Como viéra ali parar aquella mulher, sósinha, indefesa, vestida como as senhoras da cidade? Maria Ignez, por seu turno observava-o tambem. Devia ter trinta annos; uma barba escura e crespa cobria, lhe o rosto queimado do sol, onde dois olhos vivos brilhavam profundamente.

Maria Ignez presentiu a desconfiança com que esse moço selvagem a encarava, e explicou rapidamente:

—Sou a Maria Ignez, a filha do Varandas... Cheguei hoje de Lisboa... A noite apanhou-me no monte... Tive medo; vim procurar o tio Areias...

Um rugido, um latido de dor, cortavam abruptamente aquella explosão de palavras. O homem voltou a cabeça, soltou uma imprecação e correu para a mouta de codeços, onde o lobo desapparecêra.

—Deixe-se ficar ahi! Não tenha medo!—gritou elle, já longe.

Ligeiro como um gamo, em breves segundos attingiu a mouta. Na espessura, os latidos continuavam cada vez mais debeis... O homem comprehendeu. A fera conseguira aferrar o seu cão de guarda, um castrolaboreiro ainda adolescente, e trucidava-o. A raiva e a dor cegaram-no. Sem calcular os perigos de tal temeridade, internou-se na mouta, clamando:

—Ah, grande ladrão, vaes pagá-las todas!

O lobo, sentindo-se perseguido, escoava-se entre a rama aggressiva dos codeços sem largar a presa; mas como a mouta, d'aquelle lado, entestava com altas penhas inaccessiveis, a fera achou-se por fim, irremediavelmente, face a face com o seu inimigo.

Então, methodicamente, com uma serenidade quasi ironica, poisou o corpo ainda palpitante do cão, lambeu o focinho tingido de sangue, e quedou-se olhando fixamente o homem. Este, adeantou-se, offerecendo-lhe o braço protegido pela manta, a navalha prompta para o golpe... Mas o lobo continuava immóvel—e, na fixidez dos seus olhos luzentes, parecia lêr-se o desprezo d'aquella provocação. O homem aproximava-se cada vez mais... Por fim, enervado já pela impassibilidade da fera, alvejou-lhe o pescoço com um golpe subito. O animal então pulou para o lado, rugindo; e como a violencia do impulso fizéra quasi caír de borco o seu adversario, apanhou-lhe o dorso de través, com uma patada, e procurou-lhe a nuca com os dentes. O homem sentiu junto das orelhas a respiração forte do lobo e debateu-se com ancia. Durante um momento, creu-se perdido. Sentia as costas empapadas em sangue, uma dor muito viva na espadua esquerda. Mas o seu movimento desesperado tão rapido fôra que o libertara. E então, mais raivoso ainda, decidido a morrer para matar, de novo se pôz em guarda. O animal, ao primeiro gesto de ataque, mostrou os dentes, rugiu outra vez; o pastor offereceu-lhe o braço esquerdo—e logo sentiu, através da grossa manta que lh'o defendia, a pressão d'uma horrivel mordedura. Um instante se debateram: o homem

despedindo golpes ao acaso, o lobo evitando-os em saltos ágeis, sem largar o braço, procurando avidamente sangue. A final, o pastor, conseguindo voltar para cima a ponta da navalha, vibrou-lhe profundamente, abaixo da gorja, dois golpes successivos, que fizeram cambalear a fera. Um jacto quente de sangue ensopou-lhe a mão fremente. O lobo, estertorando, apertou ainda mais as mandibulas. O homem soltou um grito: sentira os dentes do animal penetrarem-lhe na carne, através da manta. Visou-o então com outro golpe e sacudiu o braço com violencia. Nem assim conseguiu libertar-se. A fera, ralando, o pescoço estendido, o pello hirsuto, as pernas já sem vigôr, pendia, quasi suspensa pela dentuça férrea, do braço que aferrára. Então o pastor, largando a navalha, assentou-lhe de alto, no cráneo, a grossa mão fechada. O lobo cambaleou, a pressão da mordedura diminuiu, e o seu corpo magro tombou por fim sobre os codeços esmagados pela lucta, a bocca ainda aberta, os beiços arregaçados—vencido mas indomado!

Lisboa.

D. JOÃO DE CASTRO

Canto da rôla no outono

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

São os gemidos do vento
que se perdeu no caminho;
é o seu lento lamento.

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

O vento passa, gemendo,
e as folhas secas são prantos
nas faces do ar correndo...

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

Nos ramos se inleia agora
o vento, que anda perdido
e, já de cansado, chora...

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

Anoitece de mansinho,
e o vento pregunta aos ares
por onde fica o caminho?

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

A noite negra fechou-se;
e o vento, debaixo de ella,
adormecendo, deitou-se...

O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...

(Inédito, das *Canções do Vento e do Sol*)

AFFONSO LOPES VIEIRA

NOTAS DE ONOMATOLOGIA

1. VILLA POUCA D'AGUIAR

O nome d'esta villa deve ter sido primeiro apenas *Villa Pouca*. Depois juntou-se-lhe *d'Aguiar*, para a distinguir de outras povoações denominadas d'aquelle modo.

VILLA POUCA quer dizer «quinta pequena». Em epocas antigas *villa* não tinha a significação que hoje tem de «cabeça de concelho ou de julgado»; tal significação é posterior á de «quinta», a qual provém do latim villa.—O adjectivo *pouco* teve outr'ora a significação de «pequeno», como o provençal *pauc*, por exemplo neste verso de Bertran de Born, ed. de A. Thomas, p. 54: «Del *pauc* rei de Terra Major».—É vulgarissima no onomastico a designação de *Villa Pouca* nas provincias do Norte e Centro de Portugal. (1) No Sul é mais rara, certamente porque, quando os primeiros reis conquistaram as terras meridionaes, já *pouco* e *villa* haviam perdido as referidas accepções.—AGUIAR quer dizer na origem «local onde ha aguias», «ninho d'aguias»: formou-se do lat. aquila, isto é, de *aquilare-, e por isso tem *r* final, segundo uma lei bem conhecida da phonetica latina. A *Aguiar* corresponde *Aguilar* em hespanhol, palavra que tambem passou para Portugal, como appellido, onde concorre com *Aguiar*.

2. TELLÕES

Na idade-media designava-se muitas vezes uma quinta ou *villa* com a adjuncção do nome do possuidor em genetivo, por exemplo, *villa Margariti, villa Vimaranis, villa Midonis*, d'onde hoje: MARGARIDE, GUIMARÃES, MIDÕES.

Nome vulgar naquella epoca era *Tello*, que se lê, por exemplo, nos *Diplomata et Chartae*, pag. 8, num documento do seculo IX: *Tello Teonanizi;* pag. 44, num doc. do sec. X: *Tello Tendariz*. Tambem ha *Tellon*, p. 99 (sec. X), *Teloni*, p. 175 (sec. XI). O genetivo era naturalmente *Tellonis*. Se queria indicar-se uma «quinta de *Tello*», dizia-se pois: *villa Tellonis*, d'onde sahiu *Tellões* (2), nome de uma aldeia no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, e de outra no concelho de Amarante.

No concelho de Villa Pouca ha mais nomes que provém de genetivos, como AFFONSIM, de Alphonsini, isto é, *villa Alphonsini*, e GOUVÃES, parente de *Gouviães*, a que na idade-media corresponde *Gouvianis*. O proprio nome AMARANTE é um genetivo: *Amaranti*, de *Amarantus;* e no respectivo concelho ha tambem: ABOIM, de *Abolini;* ANSIÃES, de *Ansilanis;* CANDOMIL, de *Candemiri;* JAZENTE, de *Hyacinthi;* SANCHE, genetivo correspondente a «Sancho».

Muitos outros nomes em *-ões* devem ter a mesma explicação que *Tellões* (e *Midões*), mas não posso agora desenvolver o assunto.

Lisboa, Outubro de 1910.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

---

(1)—Bastava isto para fazer rejeitar a opinião dos que, baseando-se em uma inscripção latina que tenho por apocripha, imaginam que *Villa Pouca d'Aguiar* vem de *Cauca!* Ora *Cauca* ficava na Hespanha; corresponde-lhe hoje *Coca*. Além d'isso *Cauca*, segundo as leis da lingoa portuguesa, não podia dar *pouca*.

(2)—Cfr. P. A. d'Azevedo na *Rev. Lusitana*, VI, 49.

ODE PAGÃ

(Do próssimo livro A TERRA ENCANTADA)

LEMBRO-ME das horas da Galeria dos *Uffizi* como das mais religiosas que tenho vivido.

De todos os cultos que me ensinaram na infancia, o unico que conservo é o da belleza. Ávida de fé, a minha alma carregada de ardor para vibrar até ao fanatismo, refugia-se na arte e na natureza, como a dos crentes d'outr'ora, nos conventos. Esta faculdade de me comover ao espectaculo das côres e das linhas harmoniosas, fez sempre a minha maior voluptuosidade. E nascido felizmente sem o egotismo dos ideologos e dos mysticos, que tudo concentram no ser intimo, alheados das apparencias e das formas, abençôo a ordem das coisas que me fez differente dos outros.

Como Theo, posso dizer, com o orgulho que vem da consciencia dos nossos sentidos: «Para mim, o mundo exterior existe!»

Isolarmo-nos na esteril analyse das nossas mesquinhas dôres, dissecar, subtilisar, complicar a existencia—que illusão doentia, que onanismo sentimental, quando em volta de nós se desenrola prodigiosamente a vida infinita das coisas e dos seres! Em logar de enroscarmos a nossa sensibilidade, como a serpente symbolica, mordendo a propria cauda, e de nos lamentarmos amargamente como o Job biblico, sobre o que nos faz soffrer, o que devemos pedir á existencia é que perpetuamente se renove e agite. E sentindo que em nós renasce, cada dia, esta força altiva de sentir, construamos para nosso uso, com as melhores imagens, um sonho de vida ideal, que nos faça esquecer a monotona vulgaridade da real.

Para não cairmos no inevitavel desanimo que paralysa ante o horror de envelhecer e a desoladora consciencia do nosso incessante avanço para a morte, aproveitemos todas as occasiões de nos comovermos, de exaltarmos até á febre as nossas sensações.

Na vida, ou na arte, a minha sympatia nunca foi para os que hesitam, tacteando como os cegos, sem se atreverem a dar um passo, com medo de se despenharem em abysmos illusorios.

Viver! Sentirmo-nos viver! A unica realidade é esta! Contemplemos cada manhã a vida com um olhar mais ardente de fé, como se cada novo dia ella renascesse para o nosso desejo, com uma apparencia nova. A felicidade consiste, não em possuir, mas na constante aspiração de realisar. Que importa sabermos que ella não existe completa! É quando mais apaixonadamente aspiramos, que mais nos aproximamos d'ella. Scepticos e crentes, ao mesmo tempo, saibamos que ser feliz é desejar sel-o. Não é entristecendo-nos inutilmente ante o espectaculo dos nossos pequenos melodramas subjectivos, mas em procurar sempre com maior ardor o prazer, que attingiremos a unica felicidade que a vida nos offerece: a de a vivermos intensamente, sem nada eliminarmos e comprimirmos de nós mesmos.

Quanto mais prolongo a minha viajem pela Italia, menos compreendo a lucta christã entre a alma e o corpo.

A harmonia entre os sentidos e o espirito é aqui perfeita. Mas a emoção particular que o artista experimenta n'esta cidade que foi o berço d'oiro da Renascença, só a podem perceber talvez plenamente as almas dotadas de sensibilidade identica.

Ao contagio permanente das obras d'arte, dir-se-ia que o passado era apenas para mim o que hontem era para os outros; e que eu revivia, realmente, uma existencia mais vehemente e mais nobre, desinteressado das acções d'este tempo de democracia em que os homens são todos eguaes,—por causa do seu pouco valor.

As sensações da Galeria dos *Uffizi* marcam no meu espirito uma phase inolvidavel, porque acabaram de me integrar, de me revelar a mim mesmo.

Ao percorrer as sallas innumeraveis, onde os seculos resurgem, mais proximos de nós, a minha compreensão da arte, como expressão suprema da vida, am-

AVIAÇÃO

O Padre-Eterno:—Estou a ver que tenho de mudar de casa!

(Desenho inédito de CERVEIRA PINTO)

pliou-se, por esse sentimento especial que deante das maravilhas, como no alto das montanhas, faz que o nosso pensamento se eleve acima de nós mesmos.

N'esse immenso templo pagão que encerra o que o genio dos homens creou de mais eterno, no seu culto amoroso da Forma, a *Tribuna* é a capella-mor sublime.

Sob a cupula octogonal, toda constellada de nacar, a luz accende scintillamentos de sacrario nas molduras d'ouro dos quadros que cobrem as paredes forradas de damascos purpureos; aviva a sombra luminosa d'uma espadua, d'um collo avelludado de mulher; lampeja na seda azul d'um manto ou nas perolas d'um collar; faz estremecer n'uma caricia rosea a brancura viva das cinco estatuas antigas.

Nenhum museu possue collecção mais expressiva de obras primas. Todo o genio dos maiores mestres do mundo se concentrou aqui para glorificar, no esplendor radioso da carne, a immortalidade augusta da vida.

A embriaguez dos sentidos é tão completa, que se fica um momento como deslumbrado. Fecham-se os olhos, cegados pelo refulgente offuscamento de tantas côres e formas, n'uma admiração decuplicada até ao espanto pela riqueza prodigiosa das maravilhas. E como se compreende o orgulho d'esta familia de principes eruditos e artistas que, de geração em geração, foi accumulando um tesouro como nenhum papa ou monarca possuiu nunca.

Divinamente nua, ao meio da sala, Venus revive no alvôr immortal, tão pura como nos dias de gloria em que na villa Adriana presidia, coroada com as primeiras rosas, á festa da primavera, na luz livre do sol que a doirava sobre os jardins floridos de Tivoli, entre o côro alegre dos hymnos celebrando a mocidade e o amor. Bella entre as Venus da terra, como Venus o foi entre as deusas do Olympo, poderia dizer-se d'ella o que Ovidio dizia da que Praxiteles esculpiu no templo de Gnido—que só se conservava immovel, porque tal era a vontade dos deuses.

Toda a juventude da antiguidade desabrocha na sua cabeça que parece ter a placidez vegetativa, a serenidade meio inconsciente d'uma bella planta que cresce sem esforço, na natural eurythmia da terra e do ar, sem outro cuidado senão o de florir, sem outro fim senão o de ser feliz e de fazer a felicidade de quem a contempla. Toda a alegria do universo, todos os sonhos que tém encantado os poetas e os amantes, se exprimem n'essa bocca de marmore que parece dizer, no seu eterno sorriso:

—«O que podem dar a terra e a eternidade que valha uma só das horas que eu dou?»

Como o Fausto de Gœthe, o esculptor Cleomenes, filho do Appollodoro de Athenas, poderia gritar ao momento em que das suas mãos creadoras tu surgiste, n'um milagre de genio.

—«Para, tu és perfeito!»

Quando pela primeira vez meus olhos profanos contemplaram em ti a belleza sagrada que as frias palavras não sabem exprimir, pela emoção profunda que me inspiraste, eu reconheci que a unica religião verdadeira é a que tu proclamas, e que todas as outras que fazem curvar os homens deante dos symbolos de abstracções metaphysicas, são falsas e vãs. O ideal que realizas, na pureza da tua forma, é o mais elevado e o mais nobre que jamais existiu sobre a terra. Nunca a plenitude do ser foi tão attingida, como no tempo em que a humanidade te ergueu templos e coroou de flores votivas.

O christianismo, que conta dois mil annos, está já tão velho que os seus maiores profetas o lamentam: e o paganismo, que tem seis mil annos, está ainda tão novo como no primeiro dia. É que emquanto o mysticismo não é mais que a sombra d'uma sombra, tu celebras o culto luminoso da natureza e da vida que eternamente se renovam.

Nunca como na primeira vez em que a tua belleza se me apoderou da alma, como o sol se apodera dos olhos, eu comprehendi que a religião de que tu és uma das encarnações mais perfeitas, não morreu; e que os antigos cultos continuam existindo, tão vivos como outr'ora, n'este mundo interior feito de sentimentos naturaes e instinctos ancestraes, que no nosso ser sobreviveram a milhares de mortes.